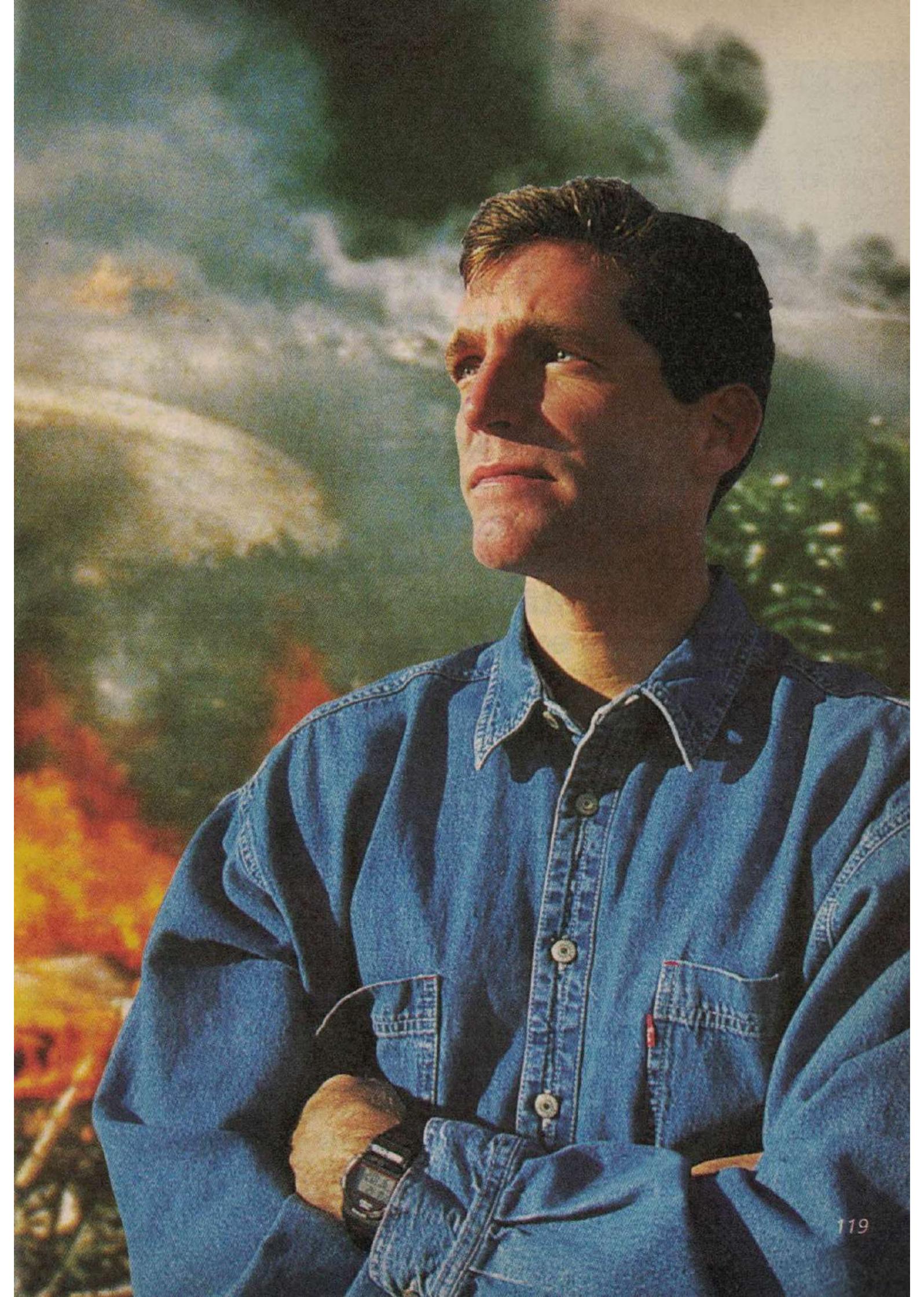
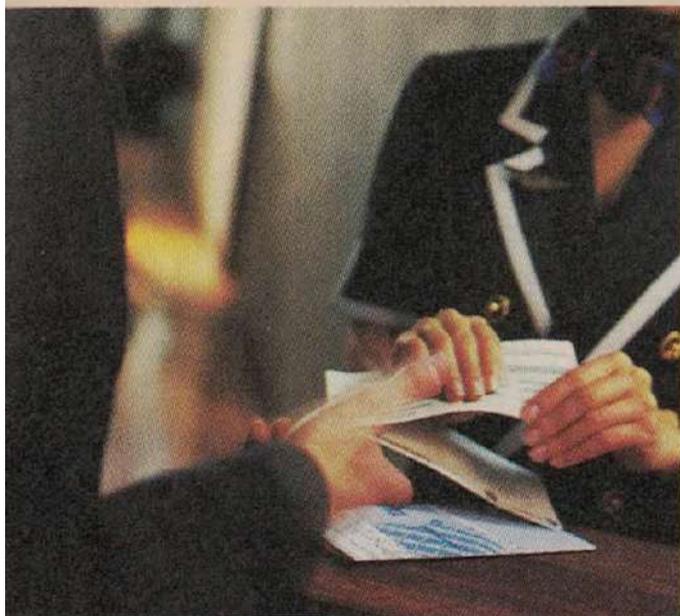


SEÇÃO DE LIVROS

# O último passageiro

JERRY SCHEMMEL E KEVIN SIMPSON





**Depois de cinco horas de atrasos e frustrantes listas de espera, Jerry Schemmel conseguiu aquilo com o que vinha sonhando a manhã toda: um bilhete confirmado em um vôo para Chicago. Após a decolagem, ele se**

**acomodou na poltrona suspirando aliviado. Ao seu redor os rituais das viagens aéreas começaram. Sentia-se relaxado pela primeira vez no dia. Foi então que ouviu o estrondoso barulho de uma explosão.**

**M**EUS OLHOS se abriram minutos antes do despertador soar, o que em geral acontece quando sei que tenho um vôo pela manhã. Saí da cama lentamente, com cuidado para não perturbar minha mulher que ainda dormia. Eram 5h45min. Diane havia concordado em levar-me ao Aeroporto Internacional de Stapleton, onde eu pegaria o vôo das 7 horas de Denver para Chicago. Ali, faria conexão para Columbus, Ohio. Em troca, eu prometera não acordá-la até o último momento possível antes de partirmos.

Eu era comissário adjunto e con-

sultor jurídico da Associação Continental de Basquetebol, a liga aspirante à NBA. A maioria dos representantes da liga já chegara a Columbus para uma reunião, mas o comissário Jay Ramsdell e eu tratáramos de alguns detalhes em nosso escritório de Denver antes de viajarmos para o encontro.

Caminhei trôpego até o banheiro, tão silenciosamente quanto possível, e iniciei o ritual de preparação para uma viagem de negócios. Mais tarde, depois de beber um pouco de café enquanto lia rapidamente os jornais, fui até o quarto e acordei minha mulher.

"CHOSEN TO LIVE: THE INSPIRING STORY OF FLIGHT 232 SURVIVOR JERRY SCHEMSEL," COPYRIGHT © 1996 POR JERRY SCHEMSEL, PUBLICADO POR VICTORY PUBLISHING CO., P.O. BOX 621129, LITTLETON, COLO. 80162. MATERIAL ADICIONAL REPRODUZIDO DE ACCIDENT PREVENTION: "UNITED 232: COPING WITH THE 'ONE-IN-A-BILLION' LOSS OF ALL FLIGHT CONTROLS," POR CAPITÃO ALFRED C. HAYNES, VOL. 48, Nº 6, JUNHO 1991, FLIGHT SAFETY FOUNDATION. FOTOS: (LOCAL DO ACIDENTE) © SYGMA; (SCHEMSEL) © JEFFREY AARONSON/NETWORK ASPEN; (ACIMA) © RICHARD LEE

Antes das 6h30min já estávamos a caminho do aeroporto. Fui dirigindo enquanto Diane acabava de despertar. Não conversamos muito durante a viagem de cinco minutos até o aeroporto.

– Eu ligo para você quando chegar a Columbus – disse eu, enquanto tirava a bagagem do porta-malas. Em frente ao terminal da United Airlines, nós nos abraçamos.

– Eu amo você.

– Amo você também, querido – respondeu ela ainda sonolenta.

Diane se afastou dirigindo o carro, concentrando-se, sem dúvida, nos afazeres que teria pela frente durante o dia; eu saí andando em busca de um painel eletrônico de vôos, para verificar meu portão de embarque. Examinei a tela e encontrei meu vôo para Chicago. O número do vôo estava seguido da palavra “cancelado”.

Como Denver e Chicago são bases da United, não parecia que meus planos de viagem sofreriam maiores modificações. Haveria ainda outros três vôos para Chicago na parte da manhã. As chances eram grandes de Jay e eu conseguirmos lugares em um daqueles vôos e, com um pouco de sorte, fazermos conexão para Columbus, a tempo de chegarmos para nossa reunião ao meio-dia.

Enquanto fazia esses cálculos, uma mulher chamou meu nome. “Suponho que você ouviu que seu vôo foi cancelado”, disse Lori Overstreet, namorada de Jay, em um tom que tinha uma ponta de ansiedade. Ela odiava que Jay viajasse, tanto por preocupação com sua segurança quanto pelo fato

de que jovens casais apaixonados não suportam ficar separados.

Desviei o olhar e vi Jay no balcão da United. Ele fez sinal para que eu me aproximasse. O atendente explicou que um problema mecânico havia ocorrido em nossa aeronave e os outros vôos matinais estavam lotados. Ele nos colocou na lista de espera para todos os vôos e confirmou-nos para o de 12h45min. Jay e eu remarcamos nossa reunião para seis da tarde.

Lori precisou, então, ir para o trabalho. Enquanto observava Jay caminhar com ela até o carro, não pude evitar pensar em meu próprio casamento e em como a vida tinha sido boa para mim. Diane era minha carmetade, minha amiga. Um dia eu esperava que ela fosse a mãe de nossos filhos. E ali estava eu, um advogado relutante, ajudando a administrar uma Liga de um jogo que eu adorava, e a apenas um passo do grande show do basquetebol. E ainda não havia completado 30 anos de idade.

Jay tinha ainda menos – 25 anos –, o que fazia dele o comissário mais jovem do esporte profissional. Nós nos conhecemos há três anos e, nos três meses e meio desde que Jay me contratara, nos tornamos grandes amigos.

Quando Jay e Lori terminaram sua longa despedida em frente ao terminal, ele e eu tomamos um rápido café da manhã e tentamos nossa sorte como passageiros em lista de espera. Nos dois primeiros vôos, todos os lugares estavam ocupados. Nossa próxima chance de escapar para Chicago surgiria às 10h55min. Liguei para Diane a fim de dar-lhe as últimas notícias.

Por volta das 10h30min, Jay e eu nos dirigimos ao portão 21. Jay foi chamado ao balcão pelo sistema de alto-falantes do aeroporto. Ele estava confirmado no vôo. Alguns minutos mais tarde, um anúncio pedia desculpas a todos os demais passageiros. Eu, porém, não fora confirmado naquele vôo.

Já estávamos quase quatro horas atrasados.

– Vá em frente – disse para Jay. – Eu encontro você depois.

– Não – respondeu Jay. – Vou esperar. Seu rosto se iluminou com um sorriso. – Estamos nisso juntos, vamos voar juntos. Foi até o balcão e abriu mão de seu lugar no vôo. *Um bonito gesto da parte de Jay*, pensei.

Preparamo-nos para esperar por duas horas até o vôo das 12h45min, United 232, para o qual tínhamos lugares confirmados. Às 12h20min passei pelo portão.

– Senhor Schemmel – disse o agente –, não temos mais lugar no vôo. O senhor está em lista de espera.

Tentei manter a calma, mas já havia esperado por mais de cinco horas. Disse-lhe que tinha confirmação para aquele vôo.

– Sinto muito, senhor.

Respirei fundo.

– E quanto a Jay Ramsdell? Qual é a situação dele?

– O Sr. Ramsdell tem um lugar confirmado.

Isto seria cômico se não fosse tão irritante. Quando me afastei do balcão, olhei para o relógio. Eram 12h30min.

Poucos minutos mais tarde, ouvi

um anúncio pelo sistema de alto-falantes que encheu o ar como se fosse música. “Senhor Schemmel”, disse a voz, “por favor compareça ao balcão.” A espera havia acabado e finalmente Jay e eu íamos partir juntos. Ao entrar no avião, senti-me particularmente feliz quando me dei conta de que nenhuma outra chamada para a lista de espera foi feita.

Quando fui confirmado no vôo 232 da United, percebi que eu era o último passageiro.

## Um terrível trovão

**J**AY E EU descemos a rampa em direção ao DC-10, provavelmente com uma aparência cansada. Uma aeromoça que caminhava junto a nós pareceu perceber nosso cansaço.

– Espero que vocês não estejam planejando dormir – disse sorrindo. – Temos muitas famílias e várias crianças conosco hoje.

Eu não me importei.

– Estamos apenas felizes de estar no vôo – respondi.

Logo descobrimos que, apesar de viajarmos no mesmo vôo, Jay e eu não estávamos exatamente voando juntos. A redistribuição de passageiros das listas de espera, feita naquela manhã, tornou impossível encontrar dois lugares juntos. Jay estava no 30J; eu, duas filas adiante, no 28F.

Mas quando olhei para o corredor, vi que meu lugar se achava ocupado. Não pude acreditar. Havia ali um garotinho de oito, talvez nove anos. Examinei novamente minha ficha de embar-

que. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, um homem de meia-idade, sentado ao lado do garoto, perguntou-me:

– Você tem o 28F?

Respondi que sim.

– Esse é meu filho – continuou o homem. – Ele deveria estar no 23G, mas gostaríamos de ficar juntos. Você se importaria de se sentar no lugar dele? Acolhi a oportunidade de sentar no corredor e deixar que pai e filho viajassem juntos. Virei-me para tentar localizar Jay. Agora, estávamos separados por sete filas. Mas naquele momento meu único pensamento era de felicidade, por poder, afinal, embarcar.

Depois da decolagem, comecei a ler as informações que nosso pessoal havia compilado. De vez em quando olhava para um vídeo que estavam exibindo a bordo e no qual eu não tinha qualquer interesse. A combinação do vídeo com o estresse da manhã me deu sono. Reclinei o encosto da poltrona e cochilei.

Acordei com o barulho das aeronaves se movimentando pelo avião com um carrinho de almoço. As crianças ao meu redor pareciam estar gostando da comida. Ao contrário da previsão da aeronave sobre bebês chorando, todas as crianças estavam felizes e bem comportadas. Com o céu claro e sereno, senti-me relaxado pela primeira vez no dia.

Aquela paz foi subitamente interrompida por um barulho que parecia vir de trás de mim. Foi uma explosão. Curta, porém estrondosa, ecoou no interior do avião com um impacto que me sacudiu na poltrona.

Quase ao mesmo tempo, o avião

pareceu cair um pouco. Não a queda brusca de um avião em meio a uma turbulência, mas sim uma aparente diminuição repentina da capacidade de vôo. Logo cheguei a uma alarmante conclusão: estávamos caindo. Derrubando minha xícara de café já vazia sobre a bandeja, agarrei-me aos braços da poltrona, embora eu devesse ter percebido a futilidade de tentar me segurar daquela forma a 11 mil metros de altura. A lenta queda continuava e minha fatídica visão se tornava cada vez mais vívida.

Ouvi uma mulher gritar, dando voz ao temor preso em minha garganta. Meu coração batia tão forte que todo o meu corpo parecia tremer. Eu não conseguia respirar. Em algum lugar, uma criança chorou pela primeira vez desde que eu embarcara no avião.

NA CABINE DE COMANDO, o capitão Al Haynes estava sentado na poltrona da esquerda bebendo café e observando o mundo a mais de dez quilômetros abaixo da aeronave. Ele e a tripulação haviam acabado de almoçar. Em seguida, sem aviso, ele ouviu um estrondo e o avião tremeu.

“Que diabo é isso?”, perguntou Haynes, verificando os instrumentos. O piloto automático foi desligado. O primeiro oficial Bill Records assumiu os controles. O Capitão Haynes e Dudley Dvorak, engenheiro de vôo, rapidamente esquadriharam os painéis de controle. Os marcadores do motor número 2 indicavam zero. Estava totalmente avariado.

Haynes solicitou o *checklist* de desligamento do motor. Em todos seus

anos de vôo, ele nunca tivera que desligar um motor a jato em vôo. Eram geralmente muito confiáveis. Mas tendo passado por vários treinamentos, sabia o que fazer. Dvorak leu o primeiro item: "Fechar o carburador."

Haynes esticou-se a fim de puxar a alavanca de comando do carburador. Ela estava emperrada. O segundo passo era cortar o suprimento de combustível para o motor. Mas a alavanca do combustível também estava emperrada. Ele soube então que o problema era mais do que uma simples falha de motor. Haynes estava prestes a cortar o combustível puxando a alavanca mestra de fluidos. Quinze segundos haviam transcorrido desde a explosão. Foi então que o co-piloto gritou: "Al, não consigo controlar o avião."

O DC-10 tem três motores: o número 1 na asa esquerda, número 3, na asa direita e o número 2 montado sobre a cauda. Dentro do número 2, o disco central de um ventilador de titânio de dois metros de diâmetro havia se rompido e se desintegrado, espalhando pedaços de ventilador ao longo da parte lateral do compartimento do motor. Os pedaços golpearam a seção da cauda e cortaram dois dos três sistemas hidráulicos da aeronave. Simultaneamente, a força da explosão rompeu as linhas do terceiro sistema hidráulico.

Os engenheiros projetistas do DC-10 construíram o avião de forma que ele tivesse três sistemas hidráulicos independentes para controlar a aeronave. Se um sistema falhasse, os outros dois ainda funcionariam. E se um se-

gundo sistema falhasse, o terceiro estaria lá. As chances de todos os três falharem eram tão pequenas que a FAA (Federal Aviation Administration – organização governamental americana responsável pela segurança das aeronaves e dos aeroportos) as considerava quase impossíveis. De fato, o capitão Haynes foi informado que a chance de tal fato acontecer era de uma em 1 bilhão.

Naquele momento, Haynes e sua tripulação quase não tinham controle de sua altitude ou direção. Eles não poderiam fazer um pouso normal, e, mesmo se conseguissem levar o avião até o chão, não tinham freios.

Haynes virou-se e viu algo que nunca vira em 33 anos de aviação comercial: o co-piloto estava com a alavanca de comando completamente puxada na direção de seu colo e havia virado todo o leme para a esquerda. Isto deveria ter levado o avião para cima e para a esquerda. No entanto, o avião estava descendo e se inclinando em um ângulo crescente para a direita.

Se algo não fosse feito rapidamente, o avião faria uma volta em torno de seu eixo longitudinal e mergulharia para a terra. Agindo por instinto, Haynes cortou potência do motor da asa esquerda e acionou força total para o da asa direita. Lentamente, o avião se nivelou.

Durante os minutos seguintes, piloto e co-piloto lutaram com os controles, dando diferentes quantidades de potência aos motores da direita e da esquerda, a fim de ajudar a estabilizar a aeronave.

Mas o DC-10 continuava a virar

para a direita, provavelmente devido à avaria na seção da cauda. Começou então a voar em uma série maluca de círculos sobre o terreno plano do estado de Iowa. A tripulação transmitiu por rádio sua situação de emergência, e um controlador de tráfego aéreo começou a guiá-los para o aeroporto mais próximo, de Sioux City. Haynes chamou a comissária-chefe à cabine de comando e pediu-lhe que preparasse os passageiros para um pouso de emergência.

Uma comissária informou a Haynes que Dennis Fitch, um piloto instrutor cuja especialidade era o DC-10, por acaso estava a bordo e oferecera sua assistência. Haynes pediu que ele viesse à cabine de comando. Quando Fitch deu uma olhada no painel de instrumentos, só viu notícias ruins. Em todos seus anos de vôo, ele, também, nunca havia enfrentado uma situação como aquela.

Após 15 minutos voando em círculos, ainda incapaz de controlar o avião ou interromper sua descida, Haynes virou-se para seus tripulantes e disse: "Não vamos conseguir chegar à pista de pouso. Vamos ter que aterrissar onde for possível e torcer pelo melhor."

Ninguém discordou.

### ***Estou pronto***

**H**AVIAM transcorridos 30 segundos desde a explosão. Com a inclinação do avião para a direita, minha xícara de café rolou da bandeja para o corredor. Tive certeza de que eu e todos a

bordo da aeronave estávamos chegando ao final de nossas vidas.

Minhas mãos ainda se achavam agarradas aos braços da poltrona. O pulsar em meu peito mantinha-se implacável. Tive então a sensação de que estávamos saindo da queda. Realmente, estávamos nos estabilizando. Comecei a relaxar. O movimento da aeronave parecia estar normal novamente. Mas ainda continuávamos inclinados para a direita. Tentei entender o que se passava e aonde estávamos indo. Respirando profundamente, em um esforço para relaxar, fiquei sensível a qualquer tremor ou inclinação.

Nunca havia sido muito religioso, mas rezei. Estranhamente, minha primeira oração foi de agradecimento. Agradei a Deus por Diane não estar comigo compartilhando daquele terror. Quando terminei, olhei em volta para ver como os outros passageiros lidavam com a situação. O que vi foi terror em seus olhos. Mas o simples fato de ainda estarmos voando e não mergulhando parecia ter um efeito calmante. A tensão diminuiu quando um tripulante falou conosco pelo sistema de alto-falantes.

Ele explicou que houve um problema com o motor número 2, que foi então desligado. Disse também que o DC-10 era equipado para voar com os dois motores restantes, embora talvez chagássemos a Chicago um pouco atrasados. Ao meu redor, pude ver as pessoas se tranquilizando. Apesar disso, tinha minhas dúvidas. Alguma coisa não estava certa. Era simplesmente um sentimento visceral. Meus temo-

res foram confirmados quando o capitão falou pelo sistema de alto-falantes. Com voz calma, explicou que a explosão havia danificado a cauda da aeronave, assim como o motor. Fez uma pausa e informou que a tripulação enfrentava alguns problemas para controlar o avião e que íamos fazer um pouso de emergência em Sioux City.

Ele nos daria um sinal 30 segundos antes do pouso. E não fez rodeios: "Pessoal, não vou brincar com vocês. O pouso deverá ser muito difícil, mais difícil do que qualquer coisa que já experimentaram."

A gritaria parecia vir de todos os pontos ao meu redor. Não havia pânico, mas uma forte sensação da fatalidade iminente.

As comissárias de bordo começaram a preparar os passageiros para o pouso de emergência. Elas nos deram duas opções: poderíamos nos inclinar para a frente e segurar nossos tornozelos ou cruzar os braços, agarrar o topo do assento à nossa frente e pressionar nossas testas contra as costas das mãos. Escolhi a segunda opção. Parecia mais segura.

Avisaram-nos para procurar a saída de emergência mais próxima e para abandonarmos nossas bagagens ao evacuarmos a aeronave. Deveríamos descer escorregando pelas rampas de emergência.

Tentei acompanhar todos aqueles detalhes práticos, mas meus pensamentos estavam rodando. Eu avaliava minha vida até ali. Tinha um ótimo casamento com uma mulher que amava. Realizara tudo na minha carreira com

muito trabalho e sem comprometer, ludibriar ou magoar qualquer pessoa. Fiquei triste porque nunca seria pai. Mas minha vida estava basicamente em ordem.

Então rezei. "Leve-me, Deus, se tem que fazê-lo. Estou pronto." Pedi a Deus que olhasse por minha esposa, e imaginei se ela se casaria novamente.

Eu me encontrava em um estado de transe quando um barulho me trouxe de volta à realidade. Olhei à esquerda e vi uma mulher de aproximadamente 40 anos em uma poltrona junto ao corredor na fila da frente. Ela segurava um rolo de lenços de papel com a mão esquerda e, a todo momento, virava a cabeça na direção do corredor esfregando os olhos de leve. À sua direita estava um garoto que aparentava sete ou oito anos de idade. A mulher, obviamente, não queria que ele visse suas lágrimas. A mãe conseguiu se conter por vários minutos antes de a pressão ficar forte demais. Finalmente, cedeu às suas emoções e desatou em lágrimas. Vendo a bravura desaparecer da face da mãe, o garoto sucumbiu ao mesmo medo e começou a chorar também.

Ele olhou bem no fundo dos olhos da mãe.

– Nós vamos morrer, mamãe? – perguntou.

Eu não podia ficar ali sentado sem dizer nada. Desafivelei meu cinto de segurança, dei um passo para frente e ajoelhei-me no corredor próximo à mulher.

– Nós não vamos morrer, amigo. Sou piloto. Já estive em aviões que perderam motores antes. Estes aviões

são feitos para voar normalmente mesmo quando um motor falha. Vamos ficar bem.

O que sei sobre aviões poderia ser escrito em uma caixa de fósforos. Mas o garoto fez exatamente o que eu es-

perava. Parou de chorar e o medo desapareceu de sua face.

Quando me levantei para voltar à poltrona, a mãe tocou em meu braço.

– Obrigada – disse.

Acho que ela sabia que eu inventa-

## Próximo mês

Fique de olho nestes e outros artigos selecionados e condensados com o que há de melhor para sua leitura.

### NA TRILHA DE UM ASSASSINO

A pasta sobre o crime foi para o arquivo morto, onde ficou por 26 anos. O assassino parecia ter sumido sem deixar vestígios.

### PODEMOS PERMANECER JOVENS?

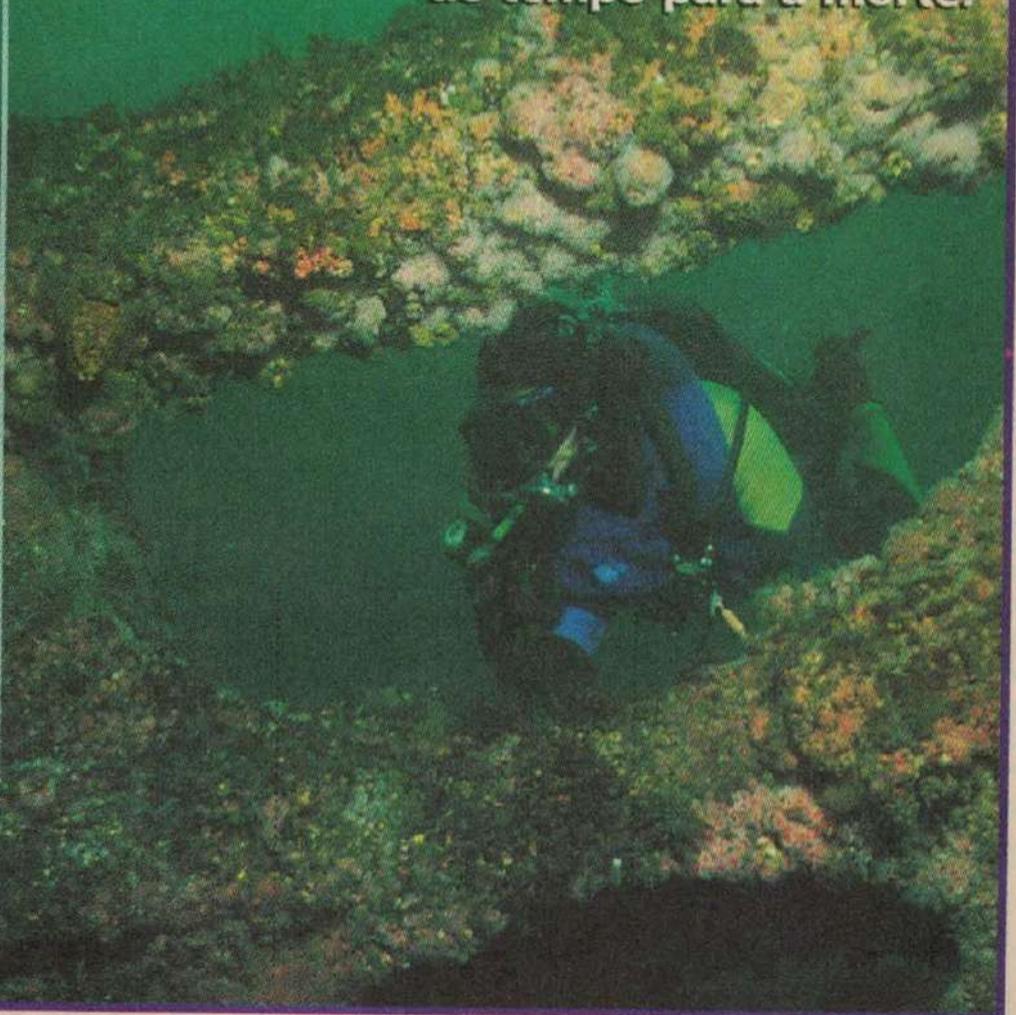
Os cientistas estão começando a decifrar os mistérios do envelhecimento – e a descobrir como podemos adiá-lo.

### VOCÊ É OTIMISTA?

Se não é, pode se tornar. O pensamento positivo não significa apenas ter confiança cega.

# Só resta um minuto

O que começou como um mergulho submarino de pai e filho logo se transformou numa contagem de tempo para a morte.



ra toda aquela história, mas também apreciou o que eu estava tentando fazer. Uma comissária falou com um homem sentado à minha frente, à esquerda. Ele assentiu com um movimento de cabeça, desafiou o cinto e mudou-se para outra poltrona. Alguns momentos mais tarde, uma mulher e seu filhinho, que parecia ter aproximadamente dois anos, sentaram-se naquela poltrona. A comissária colocou travesseiros em volta do garotinho, explicando que ele teria que se sentar no chão entre as pernas da mãe onde seria protegido pelos travesseiros durante o pouso.

Como qualquer outro garoto de dois anos, aquele não estava nem um

pouco interessado em permanecer quieto. Ficava de pé no colo da mãe, olhava para mim por sobre o encosto da poltrona e sorria. A face brilhante do garoto me fez esquecer por uma fração de segundo a situação em que me encontrava.

## Uma descida impossível

**O** AVIÃO ESTAVA tão seriamente avariado que as pessoas em terra, simplesmente, não conseguiam acreditar. Várias vezes durante o voo os tripulantes tiveram que repetir pelo rádio quão desesperadora a situação era. Logo após a explosão, o segundo oficial

### Garanta que Seleções o acompanhará!

**PARA MUDAR SEU ENDEREÇO:** Escreva para a nossa Central de Atendimento 60 dias antes de sua mudança. Cole sua etiqueta de endereçamento, com o endereço antigo, na área azul, ou simplesmente preencha os campos abaixo:

CÓDIGO DO ASSINANTE	<input type="text"/>
NOME COMPLETO	<input type="text"/>
CEP ANTIGO	<input type="text"/>

Envie este cupom para Reader's Digest  
Caixa Postal 13.750 - CEP 20217.970 - RJ

### NOVO ENDEREÇO

RUA/Nº	<input type="text"/>
CIDADE	<input type="text"/>
ESTADO	<input type="text"/>
CEP	<input type="text"/>
TEL	<input type="text"/>

MUDANÇA DE  
**ENDEREÇO?**

Dvorak anunciou para o pessoal da manutenção de aeronaves da United:

– Estouramos nosso motor número 2 e perdemos todos os sistemas hidráulicos.

Incrédulo, um perito da manutenção perguntou:

– Seus sistemas número 1 e número 3 estão operando normalmente?

Dvorak deu a fria resposta.

– Negativo. Todos os sistemas foram perdidos.

Enquanto o avião ia trepidando em direção a Sioux City, o capitão Haynes começou, desesperadamente, a procurar uma pista de pouso. Mas à medida que o DC-10 descia, o ar mais denso encontrado nas altitudes menores melhorava os controles ligeiramente. Haynes transmitiu uma mensagem pelo rádio. “Recuperamos um pouco do controle agora.”

Os pilotos conseguiram conduzir a oscilante aeronave até direcioná-la para o aeroporto de Sioux City. Mas havia também o problema de a aeronave estar oscilando, saltitando mesmo, para cima e para baixo em pleno vôo. Haynes, Records e Fitch tentavam minimizar aquele efeito, mas sem o motor central e os controles normais de vôo, era impossível eliminá-lo. À medida que o avião se aproximava do aeroporto, o movimento se tornava cada vez mais perigoso.

A menos de três quilômetros do ponto de aterrissagem, Haynes comunicou-se pelo rádio com a torre: “Temos a pista à vista. Logo estaremos com vocês.”

Na terra, todas as pistas ativas haviam sido liberadas. Hospitais locais e

uma unidade da Guarda Aérea Nacional localizada no aeroporto haviam sido alertados para uma possível queda. Veículos de emergência alinhavam-se ao longo de uma pista inativa.

– United 232 – informou um controlador da torre –, você está liberado para pousar em qualquer uma das pistas.

Com aquelas palavras, Haynes, lutando com o avião, ainda teve presença de espírito para fazer piada:

– Você quer ser específico e determinar uma pista? Em seguida voltou a falar sério. – Diga a velocidade e a direção do vento mais uma vez, por favor – pediu.

VÁRIAS VEZES desde a explosão eu havia me virado na poltrona, tentando olhar para Jay Ramsdell, mas sempre sem sucesso. Virei-me, de novo, mas ainda não havíamos feito contato visual. Ele estava falando com o passageiro a seu lado, provavelmente muito mais calmo do que eu.

As aeromoças já haviam nos orientado sobre os procedimentos do pouso de emergência. Restava, então, a espera. Durante a maior parte da meia hora anterior eu me preparara para morrer, revisando mentalmente minha vida. Mas agora eu já não estava tão seguro de que meu momento havia chegado. *Talvez, pensei, só talvez, eu não vá morrer.*

A razão havia tomado o lugar da horrível resignação. Eu queria estar pronto para quando nos chocássemos com o solo. *Não entre em pânico, disse para mim mesmo. Fique calmo. Não fuja da aeronave. Ajude os outros passageiros.*

Subitamente, lembrei-me de algo. Eu comprara uma apólice de seguro há algumas semanas e esquecera de contar a Diane. Pensando que eu não conseguiria sobreviver, abri minha pasta, rasguei um pedaço de papel de um bloco de notas e escrevi: "19 de julho de 1989, a bordo do voo 232 da United. Quem quer que encontre este bilhete, eu tenho uma nova apólice de seguro. Os papéis estão no armário do quarto de hóspedes de minha casa. Jerry Schemmel." Guardei o bilhete na pasta, estimando que ela teria melhor chance de sobreviver do que eu, e coloquei-a debaixo do assento.

Resolvida essa preocupação, revi meu plano para depois do impacto. Observaria a mulher à minha frente para certificar-me de que ela e seu garotinho estavam bem. Em seguida, ajudaria a mulher e o filho com quem eu falara mais cedo. Localizei a saída de emergência mais próxima. Ficava a apenas alguns metros de distância.

Com minhas preparações mentais prontas, tudo o que restava era a torturante espera. Olhei por cima de meus ombros e, desta vez, Jay estava olhando diretamente para mim. Ele sorriu e me fez um sinal com o polegar para cima. Eu repeti o gesto. Veio então a ordem da cabine de comando para nos segurarmos. A filosofia, a preparação, a ponderação – tudo aquilo havia acabado. Forças invisíveis entregariam todos nós ao destino.

Enquanto cruzava os braços e começava a colocar a testa de encontro ao encosto da poltrona à minha frente, vislumbrei alguns movimentos através do canto de meu olho. A mãe lutava

com o filho que não tinha qualquer intenção de ficar imóvel no chão. Fui pego entre a necessidade de dar-lhe um auxílio e o desespero de nossa situação. Por um instante, lamentei não ter pensado em trocar de lugar com a pessoa próxima a ela para que eu pudesse lhe dar alguma ajuda.

"Deus, por favor, ajude-a", cochichei.

Uma sensação estranha caiu sobre nós enquanto contávamos os 30 segundos para o impacto. Olhei pela janela à minha direita. Tudo o que pude ver foi o brilhante céu azul do verão de Iowa. Senti paz e tranquilidade. Estava pronto para qualquer coisa que acontecesse.

Pareceu uma eternidade o tempo transcorrido desde que recebemos o comando para nos segurarmos. Imaginei que talvez o capitão tivesse optado por uma melhor aproximação. *Já se passaram mais de 30 segundos*, lembro-me de falar para mim mesmo. E justamente no momento em que o pensamento se formava em minha mente, atingimos o chão.

QUANDO A TRIPULAÇÃO conseguiu trazer o avião para aproximadamente 1.000 metros de altitude, havia uma pista à frente. Haynes se posicionou logo em sua direção. Porém, ela não era uma daquelas que o controlador de voo esperava que ele fosse usar. Havia veículos de emergência estacionados sobre ela, e o voo 232 da United estava se aproximando em sua direção. Rapidamente ele ordenou que os veículos fossem retirados da rota do perigo.

Enquanto descia, o avião trepidou

com o nariz para baixo uma última vez e ganhou mais velocidade. O DC-10 movia-se, então, a uma velocidade de 400 quilômetros por hora – cerca de 150 quilômetros mais rápido do que deveria estar em um pouso normal.

À medida que se aproximava da terra, a asa direita começou a baixar. Notando aquilo, o co-piloto Records pediu uma correção: “Esquerda, potência à esquerda, esquerda, esquerda, esquerda, esquerda...”

Foi então que alguém na cabine de comando gritou, “Deus”, e o último som registrado no gravador da cabine foi o barulho do impacto.

## **Cena infernal**

**A**S PRIMEIRAS partes do avião a atingir o chão foram a ponta da asa direita, seguida pelo trem de pouso principal e pelo motor da direita. Depois, foi a vez do nariz, seguido pelo trem de pouso da esquerda.

A alta velocidade da aeronave e seu enorme peso provocaram um impacto tão grande que o trem de pouso do jato se estilhaçou no concreto da pista de 30 centímetros de espessura. Quase simultaneamente, a cauda partiu-se, assim como a extremidade da asa direita, fazendo um enorme sulco no concreto da pista e derramando combustível no chão.

Logo em seguida, o avião projetou-se novamente para cima e caiu no chão mais uma, duas, três vezes. A cada vez, ele colidia com o nariz no solo até que finalmente a cabine de comando foi comprimida, transformando-se em

uma pilha irreconhecível de escombros. A seção da primeira classe, agora exposta, suportou a violência do impacto. A parte restante do avião deslizou lateralmente para fora da pista e atravessou uma outra pista. Ela só parou, de cabeça para baixo, tomada pelas chamas, no meio de um milharal.

COMO POSSO DESCREVER o impacto? O som parecia vir, ao mesmo tempo, de dentro e de fora de minha cabeça. Aquele não foi um pouso de emergência. Não foi pouso de maneira alguma. Foi simplesmente um avião colidindo com o chão.

Quando atingimos o solo, minhas mãos se soltaram da poltrona à minha frente e minha cabeça voou para cima.

O poderoso impulso lançou-me verticalmente para fora de minha poltrona de forma que, por um instante, tive a sensação de estar flutuando no ar, preso apenas por meu cinto de segurança. Gradualmente, a força do impacto diminuiu até que pude me sentir novamente em cima das almofadas da poltrona.

Estiquei-me, tentando agarrar-me novamente à poltrona, mas não havia nada ali. Ela fora arremessada para longe. Procurei pelos braços de minha poltrona para ajudar na luta contra aquela incrível força que me tentava arremessar para fora do assento.

As luzes internas do avião apagaram-se. Gritos cortavam o estrondo. Ouvei mais gritos e gemidos. Em meio a quase total escuridão, consegui ver um corpo voar à minha frente de cabeça para baixo. Uma mulher, ainda presa a seu cinto, passou voando vindo do ou-



tro lado. Um furacão de escombros girava em torno de mim.

Uma bola de fogo passou à minha direita, proveniente da cabina de comando. Pensei que era apenas uma questão de tempo até que alguma coisa me atingisse. Abaixei a cabeça e tentei proteger o rosto.

O avião ainda estava deslizando e chiando pelo chão a uma velocidade incrível, mas havia, no entanto, uma estabilidade no movimento. Ocorreu-me o pensamento de que o pior já passara, de que simplesmente o avião ia parar e talvez eu pudesse sair andando daquela experiência.

Foi quando capotamos.

Uma dor aguda percorreu minhas costas e me senti rolando com o movimento do avião. Uma sensação de queimação que percorria rapidamente minha espinha me fez imaginar se havia sido eletrocutado, ou quebrado a coluna vertebral. No momento seguinte, eu estava pendurado de cabeça para baixo em minha poltrona, esperando que o movimento de rotação nos desvirasse. Isso não aconteceu.

A sensação de queimação em minhas costas moveu-se para minhas pernas, enquanto o deslizamento continuava em um mundo desorientado de gravidade inversa. Minhas mãos se soltaram dos braços da poltrona e fiquei dependurado em direção ao que uma vez fora o teto. Aquele deslizamento

parecia interminável. Veio então um novo impacto. O avião parou tão abruptamente que minha cabeça se chocou contra a poltrona. Logo a seguir, eu me achava de pé sobre o teto. Não me lembro de como consegui me desvencilhar do cinto de segurança e achar meu caminho até o piso – na realidade o teto do avião.

Incapaz de detectar sangue em minhas roupas e insensível a qualquer tipo de dor, pensei que pudesse estar morto. A resposta veio em forma de uma dor tão profunda e súbita que fez minha mão direita retorcer. Olhei para baixo e vi o fogo vindo em minha direção, saindo de uma parede de escombros. O fogo queimara as articulações dos meus dedos. Eu estava vivo.

Lentamente, meus olhos se acostumaram ao que restou do avião, iluminado principalmente por chamas. Mesmo sob aquela tênue iluminação e a fumaça sufocante, a cena era horripilante. Dezenas de pessoas estavam presas a seus cintos, ainda de cabeça para baixo; alguns lutavam para se verem livres, outros, simplesmente, dependurados sem esboçar qualquer movimento. O sangue gotejava de um passageiro, inerte, dependurado por seu cinto de segurança. Um outro se esvaía em sangue próximo ao primeiro. As chamas consumiam um terceiro corpo sem vida. Os corpos estavam espalhados por todo o interior do avião. Alguns se moviam; muitos outros, não. Observei que várias poltronas haviam sido arrancadas pela força do impacto, filas inteiras foram esmagadas. No entanto, incrivelmente, figuras sombrias também se moviam no

*Uma cicatriz negra marca a passagem dos restos do vôo 232. O DC-10 deslizou atravessando a estrada e finalmente parou num milharal*

meio da fumaça espessa que dominava todo o mal iluminado avião. Aque-la primeira visão do que restou do vôo 232 da United vai ficar comigo para o resto da vida.

Os raios solares não iluminavam o interior da aeronave destruída; apenas o fogo. No meio daquele cenário, eu não conseguia encontrar a saída. *Havia sobrevivido ao impacto, pensei, só para morrer sufocado pela fumaça, pelo fogo, ou por ambos.*

Tentei recobrar meu juízo. O silêncio e a fumaça escura dominavam o avião. Engasgado, procurei um cobertor, um travesseiro, qualquer coisa para cobrir o nariz e boca, mas não tive sorte. Então cobri o rosto com as mãos e fui em direção às sinistras figuras dos outros passageiros.

Uma mulher estava deitada no chão. Ajudei-a a se sentar. Embora uma de suas pernas estivesse aparentemente fraturada, ela parecia estar consciente e calma. Depois que outros vieram em seu socorro, fui até onde estava um homem já idoso a fim de livrá-lo de seu cinto e colocá-lo no chão. Seu rosto estava coberto de sangue, mas ele continuava dizendo que se sentia bem.

Ouvi um barulho e virei-me para ver um feixe de luz solar invadindo o avião. Havia uma saída. As pessoas estavam saindo por aquela abertura e desaparecendo na luz do dia. Naquele momento tive consciência de que eu não ia morrer, que eu sobreviveria ao vôo 232.

Havia uma calma impressionante naquela evacuação improvisada. Dois homens de meia-idade, de pé junto à

passagem, metodicamente ajudavam os passageiros a saírem do avião. Jun-tei-me a eles, conduzindo uma mulher até os dois homens. Vi então outra mulher caminhando para a direção errada – afastando-se da luz do sol e indo de encontro à fumaça e ao fogo. Segurei-a pelo braço e ela se virou. Era a mulher que vi sentada à minha frente. Estava só; havia terror em seus olhos.

– Você tem que sair – disse-lhe. – A passagem é por aqui.

– Não! Não! Não consigo achar meu filho! Não posso sair sem meu filho! Por favor, você tem que me ajudar a encontrar meu filho! – implorou ela histericamente.

– Por favor, ajude-me a encontrá-lo!

As chamas tornavam-se mais intensas a cada segundo. Não havia tempo para raciocinar.

– Vou achar seu filho! Mas você tem que sair. Agora!

Não me recordo de sua resposta. A próxima coisa de que me lembro é de tê-la levado até os dois homens que estavam junto à passagem. Logo depois a vi saindo do avião.

Poucas eram as chances de eu encontrar o garoto; ele poderia estar em qualquer lugar em meio a todos aqueles destroços. Minha esperança era que alguém já o tivesse retirado da fuselagem destruída. Tudo o que eu sabia era que a mulher tinha que sair ou morreria.

O fogo e a fumaça se espalharam por todo o avião. Após alguns segundos, eu e os outros homens vimos que não havia mais ninguém a ser ajudado. Um dos homens que auxiliava as pessoas passou pela abertura na fusela-



*Depois do impacto, o avião partiu-se em vários fragmentos de grande tamanho, alguns dos quais se transformaram em casulos de morte. Na foto, a parte de trás do avião junto do motor número 2, o que provocou a tragédia*

gem retorcida. Olhei para o segundo homem.

“Vamos”, disse ele calmamente.

Dei uma última olhada para os escombros. Só consegui ver a densa fumaça e as chamas. Eu sabia que precisava sair. Passei pela abertura e entrei em um mundo completamente diferente. O sol brilhante me deixou momentaneamente cego. Minha primeira percepção do lado de fora do avião veio não através da visão, mas sim do tato e do olfato. Assim que meus olhos se acostumaram à claridade, percebi que estava em um milharal.

Vi um homem que havia saído antes de mim iniciar uma corrida desenfreada. Ocorreu-me, então, o pensamento:

*o avião ia explodir.* Saí correndo também, tentando conseguir tração na terra fofa, determinado a me distanciar o máximo possível do avião em chamas. Não consegui ir muito longe.

Depois de apenas alguns passos ouvi um som que me fez parar instantaneamente. O choro abafado de um bebê. Ele vinha de dentro dos destroços.

## **Busca desesperada**

**O** QUE ACONTECEU a seguir seria exagerado pela mídia como algo excepcional e heróico. Mas o que fiz foi uma reação humana básica ao choro de aflição de um bebê. Sem qualquer preme-

ditação, sem avaliar as opções, virei-me e corri de volta na direção do avião em chamas.

Poucos segundos mais tarde, entrei novamente nos destroços do avião. Devido à fumaça eu não conseguia ver coisa alguma. Comecei, então, a orientar-me pelo choro do bebê. *Continue chorando, supliquei silenciosamente. Por favor, continue chorando.*

Prossegui andando na direção daquele som até que, aparentemente, eu estava em cima do choro. Tateando o chão à minha frente com as mãos, dei-me conta de que a criança estava soterrada pelos escombros. Não conseguia ver nada através da fumaça. O interior

do avião estava completamente às escuras. Comecei a agarrar tudo o que sentia entre mim e o som. Puxei o que parecia ser uma mochila. Em seguida um cobertor. Logo depois um grande pedaço de metal. Aquilo abriu uma espécie de buraco no chão – possivelmente um compartimento de bagagem no teto do avião que se achava de cabeça para baixo.

Enfiei a mão no buraco e senti o braço de uma criança. Levantei o bebê e pressionei seu rosto de encontro a minha camisa, tentando manter a fumaça longe de sua boca.

A seguir, lembro apenas de pisar no milho e correr. Quando estava a

*Por muita sorte, a Guarda Aérea Nacional estava de serviço no dia do acidente e foi mobilizada instantaneamente*



aproximadamente 50 metros do avião e distante o suficiente para sentir-me seguro no caso de uma explosão, fiz uma pausa a fim de olhar para a criança em meus braços. Era uma garotinha de vestido azul-claro. Ela havia parado de chorar. Examinei apressadamente seu corpo em busca de vestígios de ferimentos. Não vi nada – nem sangue, nem queimaduras, nem escoriações. Havia apenas um pequeno corte abaixo de um dos olhos. Ela não parecia estar ferida, mas não havia como saber com certeza, pelo menos não até que ela confirmou meu diagnóstico com um lindo sorriso.

Voltei a andar afastando-me rapidamente dos destroços até que encontrei uma pequena clareira no meio dos pés de milho. Doze sobreviventes estavam ali sentados, de pé ou deitados. Reconheci a mulher que eu ajudara no avião e que estava tão calma apesar da perna ferida. Agora, à medida que sua adrenalina começava a baixar, ela gemia de dor. Uma outra mulher segurava sua mão. O milho alto escondia o avião, e só se via a fumaça subindo. Olhando na direção oposta, vi um pequeno bosque onde um outro grupo de pessoas se reuniu. Eu esperava que Jay estivesse entre elas.

Vi então uma jovem, aparentemente sem ferimentos, de pé a alguns metros de mim.

– Você poderia por favor pegar este bebê? – pedi. – Não sei quem ela é nem onde sua família está. Simplesmente, retirei-a do avião.

– Certamente – respondeu ela, e pegou a garotinha.

Logo depois, comecei a andar pelo

milharal novamente em direção aos destroços do avião – o porquê eu não sei. Talvez eu tivesse visto algo e sentia a necessidade de verificar outra vez se havia ali alguém que poderia estar ferido e tentando sair.

Aproximei-me do avião o máximo possível, mas naquele momento as chamas o estavam consumindo totalmente. Fiquei a 10 metros. O calor me impediu de avançar mais.

Olhando para a fuselagem em chamas que eu havia deixado há poucos minutos, senti meu corpo tremer, como se um calafrio tomasse conta de mim. Foi então que percebi que aquele era apenas um pedaço do DC-10. *Meu Deus, pensei, onde está o resto do avião?*

## Ligando para casa

**T**UDO O QUE o capitão Haynes se lembra é do impacto inicial. “Para mim foi o barulho que você ouviria se estivesse dobrando um colchão de ar e, finalmente todo o ar saísse. Um estampido. Este é o barulho de que me lembro; logo depois desmaiei.”

“Quando recobrei os sentidos”, recorda Haynes, “havia só silêncio. Nenhum barulho de sirene. Eu não conseguia ver ou ouvir coisa alguma. Perdi de novo os sentidos. Dudley Dvorak comentou mais tarde que eu falei com ele depois que paramos. Eu teria perguntado: ‘Onde está você?’ Ele respondera: ‘Em cima de você.’ Eu havia dito, então: ‘Você precisa perder um pouco de peso. Você está muito pesado.’”

As equipes de resgate inicialmente não reconheceram a cabina de comando do avião. Ela havia sido comprimida em um pedaço de metal de apenas um metro de altura. Depois de 35 minutos, entretanto, um membro da Guarda Aérea Nacional de Iowa descobriu que tripulantes estavam presos

Haynes ainda se lembra da resposta que ouviu:

– Não. Você salvou pessoas.

LOGO EU ESTAVA caminhando com os outros, alguns tinham os rostos cobertos de sangue. Tentando encontrar uma saída daquele labirinto verde de altos pés de milho, vi, em uma clareira, um homem se ajoelhando ao lado de uma freira idosa que estava sentada com uma expressão atônita. Agachei-me a seu lado e perguntei-lhe se havia algo que eu poderia fazer. Seguindo seu rosário, ela respondeu: “Não. Não estou ferida. Só quero sentar aqui e descansar. E rezar.”

Virando para outra direção, meus olhos se fixaram em um passageiro ferido e dois homens que lhe prestavam socorro. Usavam uniformes e, após alguns segundos, conscientizei-me de que as equipes de resgate haviam chegado.

De repente, aqueles uniformes pareciam estar em todo lugar.

Continuei a perambular entorpecido até que um membro das equipes de resgate me guiou na direção da pista. Ali, vi pedaços do avião espalhados por toda a parte. Lençóis brancos cobriam os corpos de alguns que não tiveram a mesma sorte. As luzes dos caminhões do Corpo de Bombeiros e das ambulâncias piscavam incessantemente, pontilhando a cena como vaga-lu-



*Sentado em meio a outros sobreviventes, Jerry Schemmel aguardou ansioso notícias de Jay Ramsdell*

lá dentro, ainda vivos. Surpreendentemente, o capitão Haynes não tinha nenhum ferimento sério ou ossos quebrados, mas 92 pontos foram necessários para fechar todas as lacerações em sua cabeça. Após ser retirado dos escombros, perguntou: “Todo mundo teve a mesma sorte?”

Quando alguém disse “não”, o piloto se lamentou:

– Eu matei pessoas.

mes diurnos. Um helicóptero pousava assim que outro decolava. As pessoas movimentavam-se em todas as direções. No meio da pista de pouso vi cinco ou seis poltronas empilhadas desordenadamente. Quando me aproximei, notei que havia uma garota ainda amarrada a uma delas. Uma mulher estava na poltrona a seu lado. Corri na direção delas, pensando que ninguém ainda havia visto as duas naquela situação. Chegando mais perto, vi etiquetas vermelhas atadas a seus pulsos. Elas já tinham sido encontradas e suas mortes devidamente registradas.

Uma ambulância levou-me até um prédio designado como ponto de reunião para sobreviventes que não estavam seriamente feridos. Entrei em uma sala enorme onde vi umas cem pessoas, a maioria sentada no chão, junto às paredes. Olhei para os rostos, mas Jay não estava lá. Isso poderia significar que ele se achava no milharal, ou a caminho do hospital, ou na grande confusão do esforço de resgate.

Eu sabia que o destino de Jay não seria confirmado até que encontrasse um telefone e ligasse para os hospitais locais. Precisava ligar também para casa e para meus colegas de trabalho.

Fui até uma das assistentes sociais, uma senhora que servia suco de laranja em copos de papel.

– Eu gostaria de usar um telefone – pedi.

– Há um no final do corredor.

Eu já havia dado alguns passos na direção do corredor quando uma voz solene e o brilho de uma tela de televisão chamaram minha atenção. As palavras do locutor começaram a fazer

sentido. Ele estava falando sobre um acidente de avião.

Seis ou sete pessoas já estavam assistindo. Eu olhei e vi um grande jato aproximando-se da pista, no que parecia ser um pouso normal, quando subitamente começou a se inclinar transformando-se em um bolo de fumaça, fogo e desintegração.

– Que acidente foi esse? – perguntei. Houve um silêncio súbito, como se os outros não acreditassem na pergunta.

– Esse acidente foi hoje – alguém respondeu finalmente.

A sensação que tive foi de um choque. Não havia meio de alguém ter sobrevivido àquilo que eu acabara de ver.

Em seguida a voz do locutor foi ouvida novamente: “Revejam as imagens do terrível desastre aéreo que ocorreu há pouco em Sioux City, Iowa...”

Finalmente, um homem passou pelo pequeno grupo de pessoas que assistia à cena e desligou a televisão.

Pensando que Diane talvez já tivesse visto aquelas mesmas imagens, voltei a procurar por um telefone. Havia uma fila de dez ou 12 pessoas esperando para usar o telefone do corredor, mas felizmente encontrei uma sala destrancada.

Entreí furtivamente e apanhei o telefone – deu-me então um branco. Não conseguia lembrar do número do telefone do trabalho de Diane. Ela acabara de mudar de emprego, mas eu tinha o número em minha pasta, que agora era escombros ou cinza. Resolvi que o melhor a fazer seria ligar para meu escritório. Quando Diane ficasse sabendo

do do acidente, é para lá que ela ligaria. Disquei.

A notícia do acidente se espalhou com rapidez em Denver. "Oh, meu Deus, Jerry!", foram as primeiras palavras de nossa assistente administrativa, Susan Malin.

Ela já havia telefonado para a United e soube que Jay e eu fôramos confirmados naquele vôo. Disse-lhe que estava bem, mas que ainda não vira Jay. Susan prometeu tentar localizar Diane para tranquilizá-la.

A notícia do acidente continuava se espalhando rapidamente e eu precisava entrar em contato com meus pais. Apanhei o telefone e disquei novamente. Ouvi foi a voz de meu pai.

– Papai, é Jerry – disse com a voz trêmula.

– Oi, Jerry! Como vai? – respondeu ele, tipicamente satisfeito e cordial.

Percebi que ainda não tivera notícia do desastre. Hesitei por um momento.

– Não muito bem, papai.

Um silêncio estranho seguiu-se enquanto tentava decidir o que dizer em seguida. Mantive minha compostura e procurei escolher as palavras com cuidado.

– Papai, sofri um terrível acidente de avião. Mas estou bem.

Dizer aquilo em voz alta, de súbito, tornou o fato ainda mais real e menos suportável. As lágrimas começaram a rolar por minha face e passei então a soluçar. A descrição saía em meio à minha respiração entrecortada.

– Tentamos fazer um pouso de emergência, papai, mas caímos... Eu saí ileso e estou bem..., mas muitas

pessoas, bem ao meu lado, morreram, papai... nós estávamos em um milharal... o avião pegou fogo... papai, muitas pessoas estão mortas.

Meu pai respondeu exatamente como Susan.

– Oh, meu Deus! Ouvimos dizer que houve um acidente. Jerry, não tinha idéia que você estava... Oh, meu Deus!

E isso foi tudo o que ele conseguiu dizer.

## Um rosto na TV

**M**UITOS DO MEU grupo de sobreviventes foram levados para o Centro Médico Regional de St. Luke. Lá, encontrei um telefone público e liguei novamente para meu escritório. Naquele momento, Diane já estava lá e nos falamos pela primeira vez desde aquela manhã. As palavras que trocamos pelo telefone me fogem agora, mas como outras naquele dia, nossa conversa terminou em lágrimas.

Fui conduzido a uma pequena sala de exames onde um rápido check-up feito pelo médico não revelou qualquer coisa que necessitasse de assistência imediata (mais tarde percebi que havia ferido as costas e sofrido com a inalação de fumaça). Dali, fui em direção a uma grande sala reservada para sobreviventes que não tinham ferimentos graves.

Qualquer coisa parecia melhor do que ficar ali sentado. Portanto, quando nos perguntaram se alguém estava interessado em ir a uma emissora de televisão local para ser entrevistado,

logo me ofereci. “Se eu puder usar um telefone lá, eu irei”, disse-lhes.

Na emissora, encontrei um telefone e comecei a ligar para todo lugar que me vinha à mente – hospitais, aeroportos, companhias aéreas. Em todas as ligações, conseguia sempre a mesma resposta: “Nenhum Jay Ramsdell.” Já se passaram mais de cinco horas desde o acidente. Todo sobrevivente já teria sido registrado em algum hospital.

Apesar de ficar na emissora de televisão por quase cinco horas, passei a maior parte do tempo ao telefone. Não fui entrevistado, mas vi outros passageiros conversando com os repórteres. O relato de um homem sobre como sua família sobrevivera ao acidente chamou minha atenção. Ele, sua esposa e seus filhos de cinco e sete anos estavam presos por seus cintos. Sua esposa estava com a filha de 11 meses nos braços.

Seguindo as instruções, a mulher colocou a filha no chão e protegeu-a com travesseiros e cobertores. Desesperadamente, agarrou-se à sua filhinha após o impacto, mas, quando o avião capotou, não pôde mais ver a criança. Ela se agarrou a um dos filhos, conseguiu sair do avião e logo encontrou o outro garoto que havia escapado com a ajuda de um passageiro.

O pai ficou para trás procurando a filha no avião tomado pela fumaça. Ele podia ouvi-la chorando, mas quando tentou seguir o som, ela parou de chorar. Finalmente a fumaça e o fogo se intensificaram tanto que o homem não teve outra opção: teve que sair.

Depois de uns 40 minutos, o homem viu uma jovem segurando um bebê. O seu bebê. “A garota foi encontrada por

outro passageiro”, disse-lhe a mulher. A família estava novamente reunida. Foi um milagre.

A fotografia da garotinha, Sabrina Michaelson, apareceu na tela. Era a mesma garota que eu entregara aos cuidados daquela jovem no milharal.

Alguém deve ter dito a Mark Michaelson que o homem que salvara sua filha estava na emissora de televisão. Ele procurou por mim, e quando ficamos face a face, nenhum de nós sabia o que dizer. Estávamos gratos pelo que havia acontecido, mas também abalados.

– Só quero agradecer-lhe por salvar a vida de minha filha – disse Mark. – Você é um herói.

Ele começou a chorar. Eu também mal podia conter as lágrimas.

– Foi apenas uma reação – respondi. – Segui o choro da criança.

No dia seguinte, retornei ao aeroporto e embarquei em um vôo privado que a United havia escalado. Foi uma sensação estranha descer pelo corredor em direção ao avião, um misto de medo e um forte desejo de rever Diane. A saudade dominou o medo. E o cansaço superou a ambos. Quando me acomodei na poltrona, respirei fundo e fechei os olhos. O próximo barulho que ouvi foi o de borracha esfregando na pista. Eu dormi durante todo o vôo para Denver.

## **Desfecho**

**N**O PRIMEIRO domingo após o acidente, Diane e eu assistimos à missa na Igreja Católica de São Vicente de Paula,

Denver, para agradecer pelo milagre de ter sobrevivido, e rezar por aqueles que não tiveram a mesma sorte.

Naquela mesma tarde, vários colegas organizaram uma reunião de apoio psicológico – disfarçada em um churrasco na casa de um deles. Mais ou menos uma hora após o início da reunião, o telefone tocou. Embora estivesse lá fora no quintal, eu de alguma forma sabia, intuitivamente, quem estava ligando e por quê.

A morte de Jay Ramsdell finalmente fora confirmada. Um homem que eu não só respeitava profissionalmente, mas também considerava um amigo íntimo, estava morto.

Diane e eu nos sentíamos exaustos quando fomos para a cama naquela noite. Ela finalmente adormeceu, mas eu não conseguia fazer meu cérebro parar. À meia-noite levantei-me e fui até a sala para pensar.

Quando me sentei na sala escura, uma vívida e aterrorizante imagem me veio à mente e congelou-se no tempo. Era a da mãe sentada à minha frente, implorando para encontrar seu filho.

Levantei-me e fui até a cozinha. Horas antes, naquele dia, eu havia recorrido um artigo do jornal que continha uma lista atualizada da situação dos passageiros do voo 232 da United. Nos dias que se seguiram ao acidente, havia aprendido os nomes de alguns de meus companheiros de voo. Acendi a luz. Examinando aquelas pequenas letras, fiquei sabendo que a mulher que sentava à minha frente sobrevivera, mas seu filho ainda estava desaparecido.

Apaguei a luz e retornei à sala escu-

ra. Lembrei-me de que meu objetivo fora retirar uma mulher histérica de dentro de um avião que, eu acreditava, podia explodir a qualquer momento. A estratégia pode ter salvado sua vida, mas aquela racionalização parecia agora se evaporar de minha mente.

Dois dias mais tarde, uma lista confirmou que seu filho havia morrido. Minha esperança para a mãe acabara, mas não minhas orações.

Logo após o acidente tentei identificar a mulher e o garoto que eu tentara confortar com minha mentira sobre ser piloto. Verifiquei em todo jornal e reportagem que consegui encontrar, e escrevi os nomes em um mapa dos assentos do avião à medida que as localizações das vítimas e dos sobreviventes eram publicadas. Contudo, não consegui descobrir o nome das pessoas que estavam naqueles dois lugares.

Tenho telefonado para a United Airlines muitas vezes durante esses últimos anos e perguntado o que aconteceu com aqueles dois passageiros, mas ninguém jamais foi capaz de me dar uma resposta.

Quem quer que fossem aquela mulher e o garoto, espero que tenham sobrevivido.

Nos anos seguintes ao acidente com o voo 232 da United, minha vida, assim como aquele DC-10, passou por muitas reviravoltas. Como um sobrevivente me disse em uma cerimônia de sepultamento: “Nunca poderemos ter a mesma inocência que tínhamos antes do voo 232.”

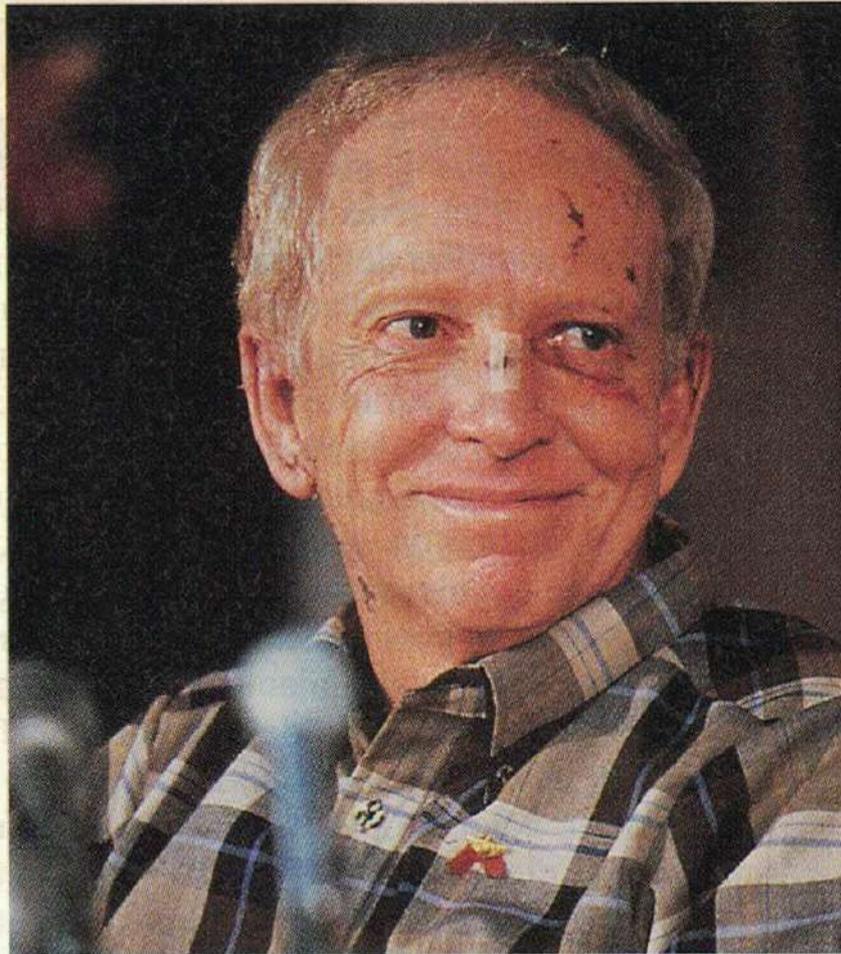
Aqueles que sobreviveram ao desastre não poderiam mais fugir da pergunta mais intrigante: Por que eu?

Conseguiríamos ignorá-la durante algum tempo, porém, mais cedo ou mais tarde, teríamos que analisar o destino e descobrir uma razão de ainda estarmos aqui. Alguns poderiam sugerir, em meu caso, que foi assim que Sabrina Michaelson conseguiu sobreviver.

Um mês depois do acidente, recebi um cartão de Mark e Lori Michaelson. Anexo, havia uma fotografia de Sabrina, comemorando seu primeiro aniversário na casa deles em Cincinnati. Todo Natal, quando o cartão dos Michaelson chega indefectivelmente pelo correio, há sempre uma fotografia de Sabrina – que está crescendo e ficando mais loura –, que eu colo na geladeira com um pequeno ímã, até a fotografia do ano seguinte chegar. À medida que os anos passam, fico imaginando como, provavelmente, ela nunca se lembrará do desastre. E como eu nunca o esquecerei.

O número de mortos chegou a 112, mas 184 pessoas conseguiram sobreviver. Elas devem suas vidas ao capitão Haynes e sua tripulação. Nada menos do que uma autoridade como o Conselho Nacional de Segurança dos Transportes concorda com isso. Em seu relatório final sobre o acidente, o conselho concluiu que um pouso seguro no DC-10 avariado era “virtualmente impossível”, e que o desempenho da tripulação foi “altamente louvável e superou em muito as expectativas razoáveis”.

Após algum tempo, os três membros da tripulação e o piloto instrutor recu-



*O capitão Al Haynes escapou da morte e sofreu apenas pequenos ferimentos*

peraram-se de seus ferimentos e voltaram a voar. Em 26 de agosto de 1991, outro DC-10 da United partiu de Denver com destino ao Aeroporto Internacional de Seattle-Tacoma. Nos assentos ejetáveis da cabine de comando estavam Bill Records e Dudley Dvorak, já então capitão e primeiro oficial, respectivamente. Assim como antes, Al Haynes ocupava o lugar do capitão. As oito comissárias a bordo estiveram no vôo 232. Tive a honra de ser também convidado para o vôo, bem como de sentar na poltrona 23G mais uma vez. Desta vez Diane estava sentada a meu lado.

Estávamos juntos porque Al Haynes, aos 60 anos, havia chegado à idade de aposentadoria obrigatória. Aquele era seu último vôo comemorativo.

Depois, os repórteres lhe perguntaram sobre sua vida de piloto. "Foi uma ótima carreira", resumiu modestamente, "com exceção de 45 minutos que eu preferiria nunca ter vivido."

Hoje seu trabalho de piloto comercial está terminado, mas suas recordações, assim como as minhas, definitivamente não estão. Durante os últimos anos, ficou amigo de alguns dos sobreviventes, e todo ano no dia 19 de julho, em sua casa de Seattle, deixa a bandeira a meio pau em memória do voo 232.

Poucos anos depois de sua aposentadoria, tive chance de falar com Al Haynes. Precisava ouvir dele como conseguira levar aquele DC-10 tão avariado até o local onde tragédias e milagres aconteceram.

Ele admitiu que ainda é mistificado por ter sido capaz de controlar o avião. Quando lhe pediram para explicar como optou pela estratégia de usar os

dois motores restantes para guiar a aeronave, Haynes respondeu: "Não tenho a mínima idéia. Não tínhamos nada mais a fazer."

Ele me contou que outros pilotos tentaram fazer o que ele havia feito em simuladores de voo, onde as mesmas condições catastróficas foram reproduzidas. "Eles sabiam o que fizemos e tentaram fazer o mesmo. Simplesmente não funcionou. Talvez tenham esperado um segundo a mais. Não há explicação de como aquilo funcionou. Assim que o motor explodiu, deveríamos ter ficado de cabeça para baixo e caído desta maneira", disse, descrevendo um mergulho com as mãos. "Como aquele avião continuou voando durante tantos minutos, até hoje não consigo entender."

Afinal, isso não importa. Quando se trata de enganar a sorte, uma só vez é o suficiente.

---

### *Em uma única frase*

Marido à mulher – "Eu não estava bocejando enquanto você falava. Estava tentando dizer alguma coisa."

Edgar Argo em *Medical Economics*

Mulher à amiga – "Quando consigo passar o dia inteiro sem tomar sorvete, eu me recompenso com biscoitos com pedacinhos de chocolate."

L. Trepel em *Cosmopolitan*

Caixa do banco, explicando extrato – "Isto é um débito por serviços que debitamos em sua conta por não ter tido, no último mês, qualquer débito por serviços."

Thomas em *National Enquirer*

Marido à mulher, enquanto assistem a televisão – "Eu só queria botar as mãos em quem autoriza toda essa violência na TV!"

Wagner, *North America Syndicate*

Mãe à filha adolescente – "Esta noite foi a vez do seu irmãozinho escolher o jantar. Vamos ter goma de mascar."

Glasbergen em *Funny Times*



# ENTRE ASPAS

---

Nunca houve uma noite ou um problema que pudesse derrotar o nascer do sol ou a esperança.

Bern Williams

As carreiras, como os foguetes, nem sempre são lançadas conforme o programado. O segredo é continuar a trabalhar nos motores.

Gary Sinise, citado por Jeffrey Zaslow em *USA Weekend*

Tenho receio de quem chega a uma conclusão antes de alcançá-la.

Jacob Levin

Quando um homem está apaixonado ou endividado, é outra pessoa que leva vantagem.

Bill Balance, *Hip Book of Nifty Moves* (Wilshire)

Seja o que for que queira fazer, faça-o agora. Os amanhã são contados.

Michael Landon, citado por Brad Darrach em *Life*

Na história de qualquer problema, há um momento em que ele é suficientemente grande para ser identificado, mas pequeno demais para ser resolvido.

Mike Leavitt

Nenhum de nós é tão esperto quanto todos nós.

Phil Condit

A maior recompensa para o trabalho do homem não é o que ele ganha com isso, mas o que ele se torna com isso.

John Ruskin

Podemos avaliar os ideais de uma nação pelos seus anúncios.

Norman Douglas

O mundo é extremamente interessante para uma alma alegre.

Alexandra Stoddard, *Gracious Living in a New World* (Morrow)

A ciência não só é compatível com a espiritualidade como ela própria é uma profunda fonte de espiritualidade.

Carl Sagan, *The Demon-Haunted World: Science as a Candle in the Dark* (Random House)

Sempre que se vê um empreendimento com sucesso, é porque alguém antes tomou uma decisão destemida.

Peter Drucker